

O BRASIL E O DESAFIO DE ALIMENTAR O MUNDO

***Roberto Rodrigues**

A volatilidade dos preços agrícolas é uma constante neste importante setor da economia mundial. Sendo a produção rural uma atividade dependente das condições climáticas, é compreensível que existam períodos de menor oferta em função de secas prolongadas, encarecendo os alimentos. E quando tudo corre bem, os estoques aumentam, perdendo valor. O Quadro 1 mostra o que vem acontecendo com os preços agrícolas nos últimos anos.

Quadro 1



Fonte: FAO

Os atuais preços se devem a fatores bastante conhecidos. O primeiro deles é a explosão da demanda nos países emergentes, onde a população e a renda per capita crescem muito mais que nos países ricos. E é sabido que sociedades pobres que avançam economicamente gastam mais com alimentos, vestuário, energia, tudo de origem agrícola. Algumas políticas públicas exercidas por governos específicos, também contribuíram para o aumento da demanda. É o caso do Bolsa Família, no Brasil, que reduziu até o impacto da crise global sobre as populações assistidas pelo programa.

O segundo fator é o crescimento da oferta não ter acompanhado a da demanda: problemas de seca na Europa Central, na Austrália e na América do Sul nos últimos anos provocaram a queda da produção de trigo, encarecendo enormemente este produto, o que puxou para cima os preços de milho, soja e arroz, substitutos naturais daquele grão essencial. E isso tem reflexo direto no custo de produção das proteínas animais (leite e carnes). Como resultado, os

estoques mundiais caíram, aí incluídos os de café, açúcar e algodão, e o mercado reagiu valorizando todas estas commodities.

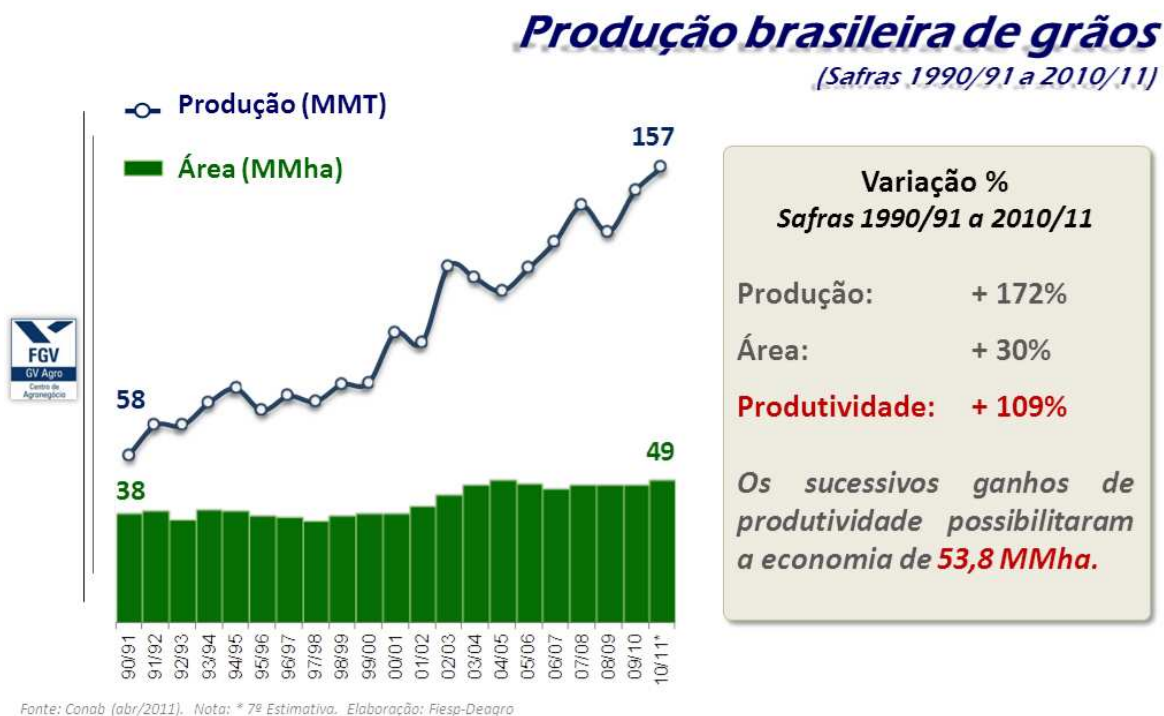
E por último, há um terceiro fator, que é a especulação. Diante de um problema real de desequilíbrio entre oferta e demanda, os investidores especulativos aplicam seus fundos na agropecuária, contribuindo para elevar ainda mais os preços. E tudo isso se transforma em estímulos inflacionários globais, criando, entre governos mais tíbios, até mesmo o medo de desabastecimento e de desequilíbrio social.

Na verdade, o que estamos observando é apenas mais um ciclo. Talvez um pouco mais longo que dezenas de outros ocorridos no passado, em função da demanda aquecida, que não arrefeceu nem mesmo durante a dura crise financeira de 2008/2009. Mas vai passar, como todas os outros já passaram. Os preços atraentes levarão produtores rurais do mundo todo a ampliar a área plantada, inclusive com tecnologias melhores, e, se as condições de clima forem favoráveis, já em 2013/14 poderá se dar o reequilíbrio entre oferta e demanda, de modo que os preços voltarão aos patamares históricos, ou próximos deles.

No entanto, a crise atual chamou a atenção de instituições e governos no mundo todo, especialmente quanto ao futuro.

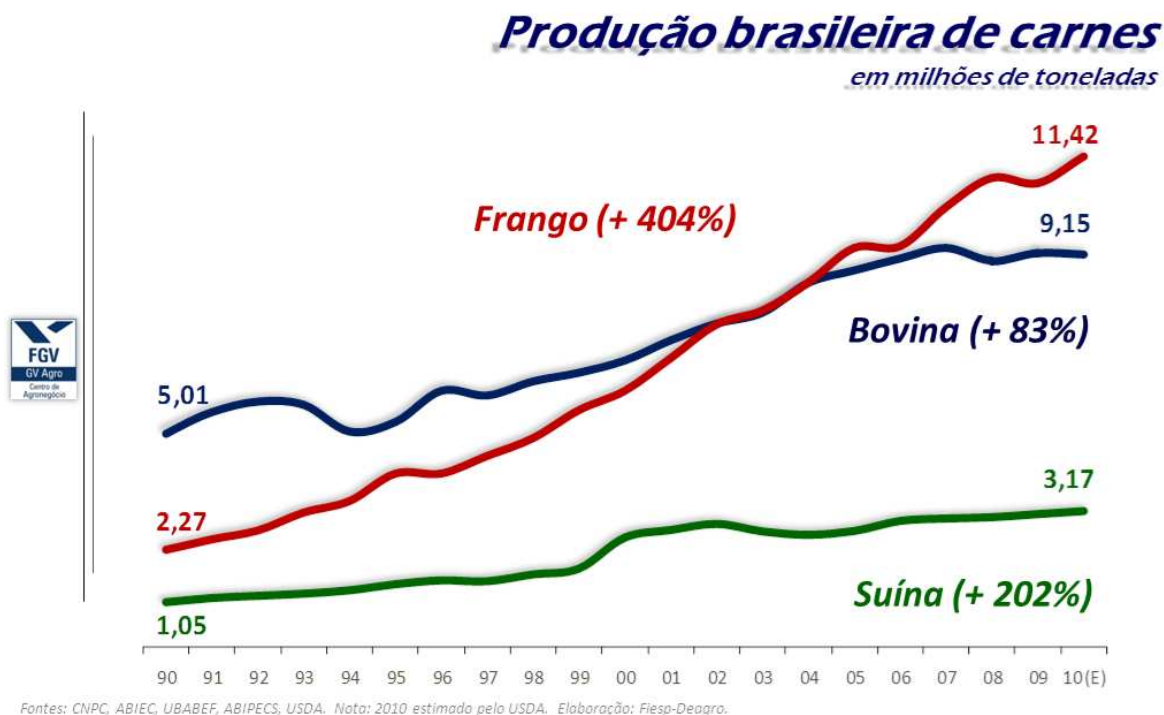
No final do ano passado, por exemplo, a OCDE publicou um estudo mostrando que nos próximos 10 anos a produção de alimentos terá que aumentar 20% para abastecer as populações crescentes. E o mesmo estudo demonstra que a União Européia crescerá 4%, a Austrália 7%, Estados Unidos e Canadá 15%, Rússia, China, Índia e Ucrânia 26% e o Brasil terá a maior participação nesta missão, devendo aumentar em 40% - o dobro da do mundo - a sua produção. Tal expectativa se prende a 3 fatores principais: nosso país tem terra disponível (cultivamos hoje menos de 9% de nosso território com todos os produtos agrícolas), temos agricultores eficientes e competitivos e, sobretudo, temos a melhor tecnologia tropical do planeta. E com uma característica fundamental: o grande desafio humano do século XXI é compatibilizar esta maior produção agrícola com a preservação de recursos naturais, o tema da sustentabilidade. Ora, o Brasil já faz isso. Nos últimos 20 anos, a área plantada com grãos cresceu 30% e a produção, 172%. Com isso, poupamos mais de 50 milhões de hectares de matas ou cerrados (Quadro 2). Isso é que é sustentabilidade!

Quadro 2



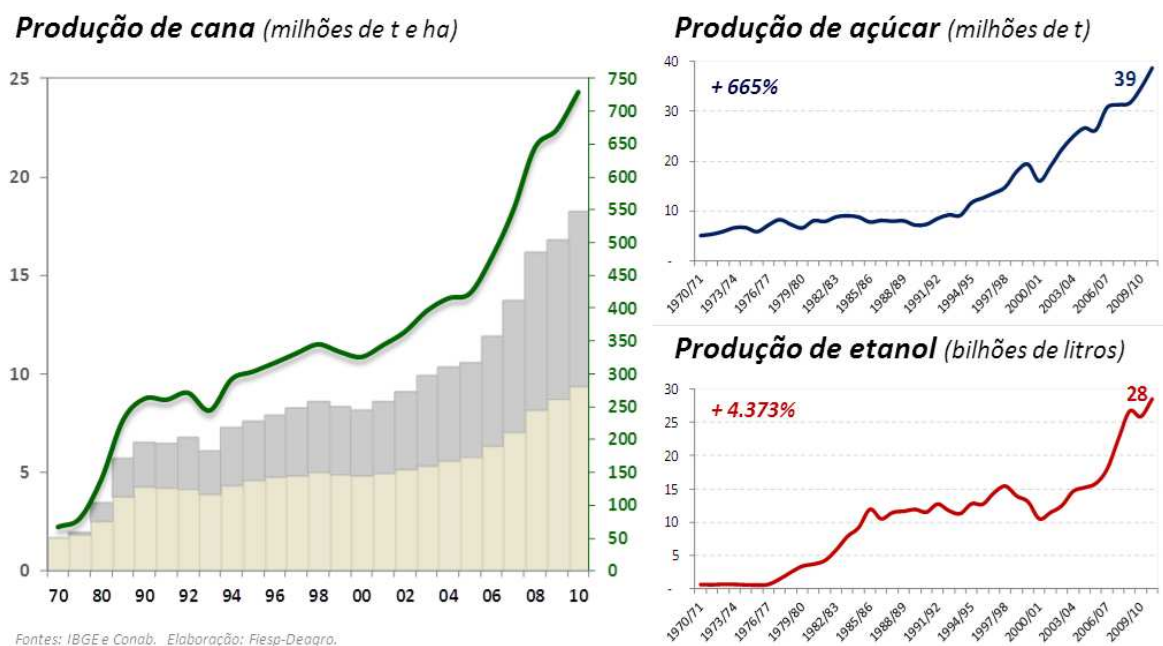
Tudo se deve à maior produtividade por hectare. O mesmo se deu com as carnes (Quadro 3) e com o açúcar e o etanol (Quadro 4).

Quadro 3



Quadro 4

Brasil – produção sucroenergética



Portanto, o mundo nos coloca uma notável responsabilidade para abastecê-lo. E sustentavelmente, o que inclui o grande tema da agroenergia: o etanol de cana emite apenas 11% do CO₂ emitido pelos carros a gasolina, o que ajuda a mitigar o aquecimento global, reduzindo a dependência do petróleo e sem concorrer com alimentos.

Não podemos desperdiçar esta grande oportunidade que a História nos oferece. O agronegócio brasileiro pode crescer muito, criando empregos, riquezas, renda, excedentes exportáveis, empurrando para cima o setor urbano industrial e de serviços, já muito modernos em nosso país.

Mas não há garantia de que esta oportunidade será aproveitada.

Não obstante as nossas 3 vantagens comparativas já citadas – terra disponível, tecnologia sustentável e gente competente – temos uma série de gargalos recorrentes, que não são atacados com a necessária visão estratégica.

É o caso da nossa precária logística, observada ano após ano nos portos e rodovias brasileiras; também não temos um programa de renda rural comparado aos países desenvolvidos: falta modernizar o crédito rural, implantar o seguro agrícola (inclusive de renda), reformular a Política de Garantia de Preços Mínimos, entre outras ações. Não temos uma política comercial consistente: na última década pusemos todas as nossas fichas na OMC, mas a Rodada de Doha não saiu do lugar. Neste ponto, uma ação mais agressiva contra os subsídios agrícolas dos países ricos seria necessária. É isso que o Presidente Sarkozy, hoje coordenando o G20, deveria propor. Mas não terá disposição para tanto, e nós temos que ser corajosos neste tema. Não fizemos acordos comerciais bilaterais e perdemos tempo com isso. Não

investimos adequadamente em defesa sanitária, um sério calcanhar de Aquiles, e por fim precisamos colocar mais recursos em tecnologia.

Portanto, falta mesmo muita coisa para aproveitarmos esta histórica chance que o mundo nos oferece.

E, por outro lado, além de não haver um apoio articulado para o setor rural, ainda existe muita gente trabalhando contra: o governo impede o capital estrangeiro de investir em terra no Brasil, cria dificuldades em relação à questão ambiental (basta ver a ridícula polêmica em torno do Código Florestal) e não moderniza legislações obsoletas como a trabalhista, a tributária, etc. É o famoso custo Brasil, agravado pela valorização do Real.

Apesar disso tudo, o agronegócio brasileiro vai crescendo aos trancos e barrancos. Em 10 anos, saltou de 6º maior parceiro agrícola global para o 3º lugar. De 21 bilhões de dólares exportados em 2000, pulamos para 76 bilhões em 2010. O saldo comercial do agronegócio é mais que o dobro do saldo comercial total do país. Gera 37% de todos os empregos e corresponde a 23% do PIB nacional.

Temos apenas 72 milhões de hectares cultivados, do total de 851 milhões do território brasileiro todo, e mais 180 milhões de hectares de pastos, dos quais boa parte degradados, podendo ser usados para plantio de florestas ou agricultura.

Em suma, se enfrentarmos os gargalos que nos afligem, geraremos milhões de empregos no país todo, e não apenas no campo, mas também na indústria, no comércio e nos serviços. Afinal, não se produz nada na área rural sem adubo, semente, defensivo, máquinas agrícolas, equipamentos, corretivos; não se transporta nada sem caminhão, trem, trilhos, portos; não se estoca nada sem silos e armazéns; não se faz nada sem crédito, planejamento, assistência técnica, pesquisa e extensão rural. E tudo isso é urbano.

Portanto, o agro move a gigantesca roda da economia nacional e ainda alimenta nossa balança comercial, criando renda para a cidade e o campo, agregando valor na indústria de alimentos e a de energia e fibras, como vestuário, fiação e moda.

Precisamos mesmo de uma estratégia de governo, bem clara e articulada. Precisamos de regras não intervencionistas. Com elas, o setor privado fará sua parte com vigor, e ninguém segurar o Brasil.

Hoje, produzimos 157 milhões de toneladas de grãos, um salto formidável sobre as décadas anteriores. Mas a China produz 600 milhões, os Estados Unidos 500 milhões e a União Européia 400 milhões de toneladas. Eles estão quase no limite de suas produções, enquanto nós podemos avançar muito mais.

Mãos à obra.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**